

XIX CONCURSO BDArte

www.easr.pt

A MÚSICA, ARTE DAS MUSAS

Musiké téchne –μουσική τέχνη– arte das musas, a quem os gregos atribuíam o poder de inspirar a criação. Euterpe, a da música, tocava flauta. Filhas de Zeus e de Mnemósine (Memória), o seu templo era o Museion, termo de onde deriva museu: lugar onde se aperfeiçoam e protegem as ciências e as artes. A música era parte integrante do modo como os gregos concebiam o seu surgimento. Acreditavam na orientação dos deuses, e que um deles, Hermes, inventara a lira. Com ele aprendeu o semideus Anfião a tocá-la, e recorreu à música para edificar Tebas: o som movia os blocos de pedra, e assim se teria construído a cidade. O poder da música. Pitágoras dizia existir uma “harmonia das esferas”: os corpos celestes mover-se-iam de acordo com equações matemáticas correspondentes a notas musicais que produziriam uma sinfonia para nós inaudível: a “música das esferas”, que a Filosofia poderia compreender. Aristóteles justificou o seu valor recorrendo à ideia de catarse: a música purifica as paixões, liberta-nos de sentimentos ou emoções reprimidas, e proporciona alívio e serenidade. Forma de lazer e arte liberal e nobre (medicinal e educativa), confrontava as pessoas com sentimentos específicos, dando-lhes oportunidade de os conhecer e de aprenderem a escolher os mais adequados.

Na China antiga atribuíam-se à natureza a origem da música. Espelho da ordem universal e força mágica, competia-lhe estabelecer a harmonia entre Céu e Terra e orientar e purificar o pensamento do povo. Segundo Confúcio (≈ 551 a.C. - 479 a.C.), “Um educado começa nos ritos, aprimora-se na poesia e completa-se na música”. Os egípcios acreditavam ser obra de Toth, deus criador da magia, da escrita hieroglífica, e de todas as formas de sabedoria e de arte, e um dos meios a que Osíris recorrera para civilizar o mundo. Promovia a presença divina e apaziguava e afastava as forças temíveis e indesejáveis. Nos Ensinaamentos de Ani, um papiro do Império Novo, lê-se que o canto, a dança e o incenso são o alimento dos deuses.

Brahma, divindade principal do hinduísmo indiano, criou a música e ensinou-a a Narada, seu filho e mensageiro dos deuses, que a deu a conhecer à humanidade.

A música pode inspirar as outras artes e vice-versa, e a si mesma. Eis alguns dos incontáveis labirintos que os processos criativos tecem: Élisabeth L Vigée Le Brun (1745 -1842), artista talentosa e retratista oficial de Maria Antonieta de França, pintou uma das maiores – se não mesmo a maior – cantora lírica do seu tempo. Foi grande a sua carreira internacional. Viveu e atuou também no Porto, e testemunhou o desastre da Ponte das Barcas: a portuguesa Luísa Todi (1753-1833), “a voz do século”. A questão da criatividade é a razão de ser de Amadeus (1984), de Miloš Forman (1932 - 2018), filme que a propósito de Mozart aborda a questão do enigma do génio. O mundo dos sons inspirou boa parte da obra do criador do abstracionismo moderno, Wassili Kandinski (1866-1944). Via nas combinações de cores “acordes visuais”, e que elas e as formas poderiam, entre outros aspetos, evocar elementos musicais e originar sonoridades. “Children’s Corner” (Cantinho das crianças), suite para piano do compositor e músico impressionista francês Claude Debussy (1862-1918) foi publicada em 1908. Tinha então três anos a filha, a quem a dedicou. O segundo movimento, Jimbo’s Lullaby (Canção de embalar de Jimbo), serviu de base a uma das composições do álbum Solar Fire (1973, de Manfred Mann’s Earth Band), Earth, the Circle, Part 1, cuja letra diz: “And the colour we hear and sound we see “(E a cor que ouvimos e o som que vemos).